

A lição chilena

Enquanto no Brasil, governo, empresários e trabalhadores giram em torno de uma terrível crise econômica, pregam endurecimento, mas não conseguem esboçar um mínimo de medidas que ajudem a afastar o fantasma da hiperinflação e seus filhos daninhos, entre eles a instabilidade das instituições democráticas, algumas sociedades do Terceiro Mundo apresentam claros sinais de recuperação e até mesmo de desenvolvimento econômico. Entre essas sociedades, uma merece destaque e atenção especial: é a chilena, hoje uma nação de economia saudável para os padrões latino-americanos, com uma previsão de inflação de 18% este ano e 5% de crescimento.

É por esta razão que julgamos necessário dar voz a um dos mentores da política econômica chilena, senão o seu principal arquiteto, e esclarecer um pouco o programa de equilíbrio sócio-econômico. Trata-se de Alejandro Foxley, ministro das Finanças, professor licenciado da Universidade de Notre Dame (Estados Unidos), onde lecionava Desenvolvimento Internacional, e que já deu aula também em Berkeley e Oxford.

Para começo de conversa, Foxley admite que, para conter a inflação, é indispensável manter o equilíbrio fiscal e impedir que o populismo assuma as rédeas da coordenação de governo. Alerta ainda que a privatização não é panacéia de todos os males econômicos e que a implantação de "pacotes" depende intrinsecamente de um pacto verdadeiro entre governo e forças sociais.

Segundo o ministro das Finanças do governo democrático de Patricio Aylwin, o Chile busca equilibrar o desenvolvimento econômico com esforços sociais, destacando-se o projeto de criar um excedente fiscal para aumentar o gasto social em até 3% do Produto Interno Bruto. Em contrapartida, existe a determinação de manter o equilíbrio fiscal, o que ajuda a dissipar a desconfiança do empresário. Além disso, o governo chileno aumentou a taxa de investimento para 20%, batendo o recorde de 30 anos de captação de capitais estrangeiros e baseou sua política no pacto social, estabelecendo uma permanente negociação com trabalhadores e empresários.

O compromisso básico é com a economia de mercado, sem inchaços da máquina administrativa e rigorosa busca de superávit fiscal. Essa estabilidade exige maturidade do país, com o culto da política de cooperação e de oferecer

Embora a avaliação do tratamento médico faça parte de uma extensa agenda de pesquisa nos países desenvolvidos, este tópico sempre foi relegado pelas nossas autoridades de saúde.

Comenta-se sempre que o volume de recursos financeiros para o setor de saúde é insuficiente, porém nenhuma análise da relação entre custos e qualidade é apresentada. Na realidade, na maioria dos hospitais brasileiros a qualidade do tratamento vem se deteriorando, principalmente a partir de 1983, com a mudança da sistemática de pagamento hospitalar, que incentivou a redução de custos, já que o pagamento por procedimento é predeterminado.

Apesar disso, o Inamps nunca apresentou um quadro de informações sobre o comportamento da nossa rede hospitalar. Vez por outra, são os próprios pacientes ou a imprensa que denunciam os mais absurdos casos de deterioração do cuidado médico nos hospitais. Na verdade, no período em que se aumentou o volume de recursos financeiros destinados ao setor hospitalar, procurou-se reduzir ou reduzir as informações que deveriam ser produzidas pelos hospitais, conforme as publicações oficiais do Inamps. Até o início da década de 1980, o Inamps publicava a média de permanência, taxa de ocupação e taxa de cessuras de seus hospitais construídos.

Desrazão e fome

Antes de mais nada preciso confessar que sou leigo em questões econômicas e mais especificamente em economia agrícola. Entretanto, não é necessário um diploma de Economia ou uma infinidade de conceitos técnicos nesta área para perceber a irracionalidade que toma conta do governo federal e dos seus planejadores profissionais.

Os números da produção de grãos no país correspondentes à safra 90/91 e anunciados pelo próprio secretário nacional da Política Agrícola, Celso Matsuda, revelam-se como o resultado da escravidão da razão pela obsessão "colôrida" em combater o déficit público e consequentemente derrubar o "tigre" da inflação. A safra de grãos do referido período foi de 57,3 milhões de toneladas, o que corresponde a uma queda da ordem de 25% em relação à safra 88/89, que foi de 71,4 milhões de toneladas. A primeira colheita de grãos do Governo Collor consegue ser menor ainda do que a verificada no final do desgo-verno Sarney (safra 89/90), período de incertezas e de economia incontrolável. O agravante é que, como o próprio governo reconhece através do secretário Matsuda, o atraso na liberação dos recursos para a agricultura no ano passado foi o principal causador da queda da safra agrícola. Além disso, vários alertas foram dados para os técnicos do Ministério da Economia sobre a situação que agora se consoma.

Estes números repre-

Lamentavelmente, a partir de 1983 as informações publicadas pelo Inamps são míseras, a não ser para mostrar o crescimento das hospitalizações. Assim sendo, o setor hospitalar tornou-se um misterioso setor da economia nacional. Mesmo com a tática de sonegar informações, não foi possível esconder que o Brasil é campeão de cesurianas, infecção hospitalar e, quem sabe, taxa de mortalidade hospitalar. É necessário divulgar o elevado volume de hospitalizações desnecessárias neste país.

Assim sendo, observa-se que, de um lado, os hospitais reclamam dos baixos pagamentos recebidos e, de outro, o governo aumenta a quota de procedimentos ou internações, no sentido de compensar as reclamações. Neste meio permanece o paciente com um tratamento de qualidade muitas vezes ofensiva. Consequentemente, a indústria hospitalar está crescendo e a saúde da população se deteriorando.

Espera-se, portanto, que o governo comece a exigir dos hospitais o mínimo de informações sobre o que eles produzem, de modo que seja possível avaliar a qualidade do tratamento e da relação com os custos hospitalares.

José Rodrigues Filho é pós-doutorado em administração de serviços de saúde pela Universidade de Johns Hopkins (EUA)

Alça de Mira

Idéia falsa

Segundo o sociólogo Luciano Martins de Almeida, é falso dizer que no Brasil todo mundo é contra a inflação. Contra a inflação, diz ele, são aqueles de baixos salários que dela não podem se defender. "Já outros e amplos setores habituariam-se a ganhar — e muito — com a inflação: foram gerados na cultura inflacionária e alegremente a alimentam. Têm capacidade de resistir a planos antiinflacionários, através de decisões em nível da empresa e através de pressão política. É por isso talvez que exista quem defenda a tese de que só uma hiperinflação criaria condições políticas para um combate efetivo à inflação". Da hiper ninguém escapa.

Concorrência

Nos Estados Unidos, lembra uma reportagem do jornalista Antenor Nascimento. Neto publicada pela "Veja", a concorrência é tão respeitada que chega ao limite da antropofagia. Quando o governo americano aboliu a regulamentação das linhas aéreas, as companhias de aviação reduziram as tarifas para ganhar mais clientes e várias delas faliram no meio da briga. O governo dos EUA não achou que era o fim do mundo e não fez nada para salvar as companhias falidas, como já aconteceu muito no Brasil.

Os americanos, a exemplo dos japoneses e alemães, preocupam-se moderadamente com a falência de empresas. Eles não desconhecem os prejuízos e problemas gerados pelo desemprego quando alguma companhia sucumbe, mas também entendem que a falência exerce uma função saneadora, pois livra do mercado aquelas empresas que se mostraram incompetentes. E para quem não sabe, vai a informação: o Japão tem o maior nível de falências do mundo e nem por isso deixa de ser o país poderoso que é.

Concorrência 2

No Brasil, ao contrário do que acontece no mundo desenvolvido, quando aumenta o nível de concordância e de falências, é um Deus nos acuda, com as entidades representativas dos empresários fazendo pressão sobre o governo no sentido de socorrer "os patinhos feios" do mercado. E não poucas vezes o governo ofereceu o barco salva-vidas a empresários notoriamente ineptos em gerenciamento, concedendo empréstimos (dinheiro dos contribuintes) que geralmente salva o empresário, não a empresa.

Entre os do Primeiro Mundo, a classe trabalhadora não endossa movimentos de socorro a empresas que já deram mostras cabais de fragilidade. Os grandes sindicatos preferem, o que é natural, negociar salários num mercado saudável, no qual cada palma somente será conquistada pelas indústrias mais gabaritadas e, consequentemente, interessadas em melhor remunerar sua mão-de-obra para não ser passada para trás pelas concorrentes. Daí porque quanto mais competitiva for uma economia, mais alto o padrão médio dos salários. No Brasil, infelizmente, tanto trabalhadores como empresários ainda temem o jogo econômico com essas regras, agarrando-se aos protecionismos que só trazem desvantagens à nação.

Pesquisa

A última pesquisa nacional do DataFolha sobre o Governo Collor revela um decréscimo alarmante de popularidade: 41% de "ruim e péssimo", contra 39% de "regular" e 18% de "ótimo e bom". É o pior resultado obtido pela administração federal, desde a posse de seus atuais dirigentes, há 18 meses.

A pesquisa mostra ainda que Collor vai pior onde o cidadão é mais bem informado e habita as grandes cidades. Está cada vez mais descolado dos grupos organizados, como

Câmara entrega título de Cidadão Honorário ao padre Boleslau Liana

Em sessão solene realizada dia 13 último, na Câmara Municipal, foi entregue o título de Cidadão Honorário de Campo Largo ao padre Boleslau Liana, atualmente vigário da Paróquia Bom Jesus, bairro Bom Jesus. A sessão foi muito prestigiada, contando com a presença de autoridades municipais, eclesiásticas e um grande número de amigos do padre — mais de 120 pessoas assistiram à sessão. Todos os vereadores estiveram presentes, exceto José Antonio Rossoni, do PRN. A proposição da outorga do título ao padre Boleslau foi do vereador Darci Antonio Andreassa, presidente da Câmara. O Coral da Lorenti abrilhantou a sessão, cantando os hinos do Brasil, do Paraná e de Campo Largo.

Discursou em nome do Legislativo campo-larguense o vereador Juarez Buttura de Oliveira, do PTB. Em pronunciamento emocionado, destacou fatos marcantes da vida do homenageado, como sua infância e adolescência sofrida na Polónia, durante a Segunda Guerra Mundial, e as dificuldades que precisou enfrentar quando veio para o Brasil e, desde então, passou pelas paróquias de Dom Feliciano (RS), Mendes (RJ), Camaquã (RS), Bateias, Balsa Nova e Bom Jesus.

Nascido a 3 de agosto de 1935, na Polónia, Boleslau Liana teve uma infância muito difícil. Quando tinha apenas quatro anos, surgiu a Segunda Guerra Mundial. Seu pai e três irmãos mais velhos foram capturados pelos soldados alemães e transportados para a Alemanha. Em casa ficaram cinco crianças com a mãe. A situação perdurou até o fim da guerra, em 1945, muitas vezes passando fome e frio.

Ainda na sua infância, em 1942, entrou na escola primária,



Da esq. para a dir., prefeito Afonso Portugal Guimarães, Osvaldo Zotto, Darci Andreassa, Sebastião Moreira e padre Boleslau Liana, na sessão solene do dia 13, na Câmara.

retirada a 8 quilômetros de sua casa. Percorria diariamente esse trajeto. As aulas ocupavam o dia todo, tendo duração de oito horas. Somente aos sábados as aulas tinham seu horário reduzido para seis horas. Finalmente, em 1950, terminou o primário.

O jovem Boleslau terminou o 2º Grau em 1953. A 8 de setembro daquele ano, morreu seu pai. A própria firma em que ele trabalhava ofereceu-lhe trabalho e também estudo. Ingressou em Engenharia. Eram três dias de estudo e três de trabalho. Tudo isso durou até 1955.

Sentindo que Deus o chamava para outra vida, abandonou a carreira e entra no "Seminário da Sociedade de

Cristo para os Estrangeiros". Fica no noviciado durante um ano. Em seguida começa a Faculdade de Filosofia e Teologia.

A 26 de maio de 1963, junto com 44 teólogos na famosa catedral da cidade de Poznań, foi ordenado sacerdote. O seu trabalho sacerdotal na terra natal durou apenas um ano. Convocado pelos superiores para deixar a sua terra e trabalhar no estrangeiro, não pensa duas vezes e decide na hora.

Acertando os documentos legais, sai da Polónia no dia 8 de setembro de 1964. Após algumas visitas em vários países da Europa, chega ao Brasil, após viajar duas semanas de navio, no dia 24 de dezembro de 1964.

Greve ainda é vista com suspeita pela população

Desde o dia 11, os funcionários da Caixa Econômica Federal entraram em greve por tempo indeterminado, seguindo uma decisão de assembleias da categoria. No dia seguinte (12), foi a vez dos funcionários do Banco do Brasil aderirem ao movimento grevista, segundo os indicativos, deveria envolver todos os bancários do país. Na realidade, no entanto, basicamente só os funcionários da Caixa e do Banco do Brasil, participam da greve, assim mesmo não em caráter geral, pois em alguns

Estados, agências do Banco do Brasil estão funcionando.

Segundo informações dos funcionários da Caixa, desde 1989 a categoria vem sofrendo perdas salariais que hoje chegam a 320%. Eles lutam por reajuste de 320%, o que não cobriria as perdas, mas serviria para aliviar a carga de prejuízo num período de alta de preços como o atualmente registrado no país. A direção da Caixa, porém, ainda não deu mostras de estar disposta a sequer conceder 50% do que os servidores

reivindicam, persistindo o impasse. No Banco do Brasil, a situação é mais ou menos parecida.

Parcelas significativas da população operam com a Caixa Econômica e o Banco do Brasil. Em momentos como o de agora, de enfrentamento entre instituições e funcionários, normalmente o apoio ou rejeição dos clientes ao movimento grevista exerce grande influência nas futuras decisões dos servidores. O que você acha da greve na CEF, no BB e em outros setores da economia nacional?



"A greve atrapalha demais, prejudica todas as pessoas. Acha que a pessoa que trabalha em um determinado lugar e não está contente, deve sair e procurar outro emprego. Sou contra as greves". (João Carlos Muniz, pedreiro).



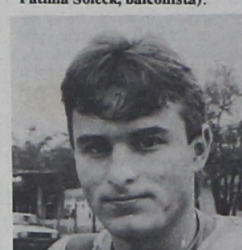
"Não sou favorável às greves, pois acho que não resolve e só faz com as pessoas perderem tempo. No caso dos bancos, o prejuízo é geral. Ela afeta o movimento em todos os sentidos". (Inês de Fátima Solek, balconista).



"A situação do país está ruim e, com as greves, apenas o povo é quem sofre. Os salários de todos os trabalhadores estão defasados e, sendo assim, então todos deveriam entrar em greve". (Geraldo Gomes da Silva, motorista).



"Sou favorável à greve. É um direito de todos. Só que, atualmente, no caso dos bancos, sou contra porque apenas o Banco do Brasil e a Caixa Econômica entraram. A greve deve ter a participação de toda a categoria e não apenas de alguns. Sendo minoria, fica sem valor". (Marcos Júnior de Paula, promotor de vendas).



"Dependendo da reivindicação, se for justa, a greve pode ser considerada uma medida certa. Mas em alguns casos, quando sabemos que o salário que os grevistas recebem não é baixo, sou contra. Como os bancos parados, toda a população está sofrendo e a situação, principalmente, das pessoas ligadas ao comércio, é bastante difícil". (Estanislau Sarnak, comerciante).

O BELELÉU

Moda a preço justo

SÓ 6 DIAS!

De 23 a 28/09/91

Ou enquanto durar o estoque

Bermuda feminina jeans Cr\$ 7.900,
Vestido trapézio Cr\$ 5.900,
Camiseta Verão 91/92 Cr\$ 5.900,
Calça feminina jeans Cr\$ 9.900,

* Limitado em 4 peças por cliente
* O Beleléu não vende saldo, vende moda.

RUA XV, 2281 — FONE: 292-3940

ACERVO
HISTÓRICO

Ligue para Folha
392-1331

EXPEDIENTE
FOLHA DE CAMPO LARGO

Diretor-presidente:
Germano de Oliveira
Editor:
Inacio Alfonsini Panzani
Diretora de Redação:
Luz Marina Leon Bordes

Comércio de Artes Gráficas
Ideias Novas Ltda.
Rua Marechal Deodoro, 495
Galeria Virgínia, loja 107
Telefax: (041) 392-1331
Campo Largo - Paraná

Composição, past-up e
fotolito
Comércio de Artes Gráficas
Ideias Novas Ltda

Impressão
Jornal Indústria e Comércio
Rua Comendador Araújo, 26
Telefone (041) 224-7011

Frases

"Toda política se faz com riscos. Não se faz política sem vitórias". (Ulisses Guimarães, deputado federal pelo PMDB/SP).

"Fala-se muito do corrupto e nada do corruptor. Que tal revelar o nome do banco que pagou aquele cheque de 22 bilhões na fraude da Previdência?" (Empresário Antônio Ernirio de Moraes).

"Nós temos que discutir um projeto para o país. Não basta colocar que precisamos mudar a Constituição. Mudar para quê? Qual é o projeto?" (Luiz Antônio Fleury, governador de São Paulo).

Carta ao pai

"Acho que neste mundo ninguém procurou descrever seu próprio cemitério. Não sei como meu pai vai receber este relato, mas preciso de todas as forças enquanto é tempo. Sinto muito, meu pai, acho que este diálogo é o último que tenho com o senhor, sinto muito, mesmo... Sabe, pai, eu não estava escrevendo esta carta. Pai, eu só estou com 19 anos, e sei que não tenho a menor chance de viver. É muito tarde para mim, mas ao senhor, meu pai, tenho um último pedido a fazer: mostre esta carta a todos os jovens que o senhor conhece. Diga-lhes que em cada porta de escola, em cada cursinho de faculdade, em qualquer lugar, há sempre um homem elegantemente vestido e bem-falante que irá mostrar-lhes o futuro assassino e destruidor de suas vidas e que os levará à loucura e à morte, como aconteceu comigo. Por favor, diga isso, meu pai, antes que seja tarde demais para eles.

Eu tentei recusar, tentei mesmo, mas o cidadão meceu com o meu braço, dizendo que eu não era homem. Não é preciso dizer mais nada, não é, pai? Ingressi no mundo do vício.

No começo foi o devaneio; depois as torturas, a escuridão. Não fazia nada sem que tísico estivesse presente. Em seguida, veio o julgo de aço, o meio, as alucinações. E logo após a euforia do pico, novamente eu me sentia mais gente do que as outras pes-

soas, e o tísico, meu amigo inseparável, sorria, sorria.

Sabe, meu pai, a gente quando começa, acha tudo ridículo e muito engraçado. Até Deus eu achava cômico. Hoje, no leito de um hospital, reconheço que Deus é mais importante que tudo no mundo. E que tem a sua ajuda eu não estaria escrevendo esta carta. Pai, eu só estou com 19 anos, e sei que não tenho a menor chance de viver. É muito tarde para mim, mas ao senhor, meu pai, tenho um último pedido a fazer: mostre esta carta a todos os jovens que o senhor conhece. Diga-lhes que em cada porta de escola, em cada cursinho de faculdade, em qualquer lugar, há sempre um homem elegantemente vestido e bem-falante que irá mostrar-lhes o futuro assassino e destruidor de suas vidas e que os levará à loucura e à morte, como aconteceu comigo. Por favor, diga isso, meu pai, antes que seja tarde demais para eles.

Adeus, meu pai".

Esta é uma carta de adeus de um jovem de 19 anos. O caso é verídico, aconteceu num hospital de São Paulo. Alguns tempo após escrever esta carta, o jovem morreu.